

-9 MAR 1988

O que Sarney jogou

CORREIO BRAZILIENSE

O ministro Mailson da Nóbrega ampliou os níveis de predomínio da tecnoburocracia. O presidente Sarney teve um gesto digno ao permitir a seu ministro da Fazenda montar uma equipe econômica dispensando o seu amigo Camilo Calazans, afinal uma perda não só para a família presidencial, mas também para a região nordestina. Isso tudo antes de saber o tempo de mandato que a Constituinte lhe atribuirá, e preocupado somente com a eficiência da política econômico-financeira.

O Presidente da República teve um gesto de dignidade pois poderia muito bem ter esperado a definição sobre a duração do mandato para implantar uma diretriz econômica definitiva. Fez antes, e atingindo um grande amigo. Dessa forma, não quis dar toda a autonomia ao ministro da Fazenda e também preparar as bases estruturais da política econômico-financeira e de modo a que seu sucessor tenha uma visão de continuidade e de transparência nas contas públicas.

Ao que se sabe, o presidente João Figueiredo não agiu dessa forma em relação a seu sucessor e putativo, o sr. Tancredo Neves. Embora o ministro José Hugo Castelo tudo tenha feito para construir uma ponte de transição ligando os governos da Velha e da Nova República, na qualidade de amigo de Delfim e Tancredo, além de presidente do sistema financeiro do Governo de Minas, testemunha o deputado José Geraldo Ribeiro que o Presidente eleito teve um momento de amargura quando soube, em Washington, da nova

pelo secretário de Estado, George Shultz, de que tudo não havia passado de uma promessa do Governo brasileiro. Tancredo teria de começar seu governo com o problema da dívida insolvido.

Hoje, o presidente Sarney prefere uma postura mais clara. Dá todo o poder à tecnocracia para instituir uma política econômica, dê certo ou não. Sem saber o que o espera na Constituinte, quando votar seu tempo de mandato, Sarney apostou na responsabilidade de quem não enxerga tempo e espaço para mover suas peças.

Ontem, na Constituinte, houve 28 discursos no "pinga-fogo". Desses, 22 foram para lamentar a saída de Camilo Calazans do Banco do Brasil, e os restantes para saudar o Dia Internacional da Mulher. Nenhum para elogiar o sr. Mailson ou o sr. Berard. O preço a pagar pela transparência é sempre muito caro. O Presidente da República jogou todas suas fichas nessa opção que lhe resta: com quatro ou cinco anos, deu uma normatividade à política econômica que o próximo chefe do Governo levaria anos para obter, caso as soluções de austeridade não tivessem começado agora.

Sarney, da mesma forma como concedeu amplos espaços, poderá retirá-los, quando lhe aprouver. O ministro Mailson da Nóbrega será o único da galeria de titulares da Fazenda na Nova República que não poderá queixar-se de não ter toda a liberdade com que Delfim Netto operou. Menos o poder de eclipsar o brilho do próximo governo.